

ALYA



*Confederação Nacional dos
Caçadores Portugueses*

**“UMA DAS MUDANÇAS MAIS
POSITIVAS, NOS ÚLTIMOS TRINTA
ANOS, FOI O ORDENAMENTO
CINEGÉTICO DO PAÍS”**

*Vítor Palmilha
presidente da CNCP, em entrevista*

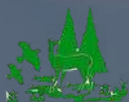
**⊕ MÉRTOLA:
UM DESTINO SINGULAR**

**⊕ PODENGO PORTUGUÊS: UMA
RAÇA EXÍMIA NA ARTE DA CAÇA**

**⊕ D. CARLOS I
E A PAIXÃO PELA
BATIDA À PERDIZ**



ESTAS SÃO AS FEDERAÇÕES FILIADAS NA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CAÇADORES PORTUGUESES



Federação de Caçadores de Entre Douro e Minho
Presidente: Amâncio Afonso Mendes
Praça da Justiça, 166
4715-125 Braga
comercial@amanciomendes.mail.pt | 253 2690 00



Federação das Associações de Caçadores da 1ª Região Cinegética
Presidente: João Alves
Apartado 144
5340-342 Macedo de Cavaleiros
facirc@gmail.com | 278 426 368



Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu
Presidente: Mário Antunes
R. Fernando Teixeira, Lote 1 – r/c – Esq.º - Abraveses
3515-156 Viseu
federacao.viseu@gmail.com | 232 452 021



Federação de Caça e Pesca da Beira Interior
Presidente: André Cid
Urbanização Quinta da Alampada, Lote 26 R/C Apartado 452
620o - 250 Covilhã
fcpbi@mail.telepac.pt | 275 315 402



Federação de Caça e Pesca da Beira Litoral
Presidente: Carlos Rodrigues
Rua da Sofia, 136 Edifício da Liga dos Combatentes
3000-389 Coimbra
fcpbeiralitoral@gmail.com | 916 298 503



FEDERCAÇA - Federação de Caçadores do Centro
Presidente: Avelino Ribeiro
Rua Principal, n.º 14 - Ranha de Baixo
3100-362 Pombal
federcaaca@sapo.pt | 236 946 216



Federação das Zonas de Caça do Oeste - OESTECAÇA
Presidente: Joaquim António Faustino
Urbanização da Infesta, Rua das Acácias, Ed. OESTECAÇA
2560-375 Torres Vedras
fzcoeste@gmail.com | 918918369



Federação Alentejana de Caçadores
Presidente: José Lopes Bernardino
Rua D. Afonso Henriques, n.º 31
7800 – 049 Beja
info@fac.pt | 284323304



Federação de Caçadores do Algarve
Presidente: Vítor Palmilha
Praceta das Bernardas, N.º 4
8800 – 685 Tavira
geral@fcalgarve.pt | 281 326 469 / 912 250 057



© Joaquim Delgado

04 EDITORIAL

05 OPINIÃO

Artigo assinado por João Paulo Catarino, titular da Secretaria de Estado da Conservação da Natureza e Florestas

07 ENTREVISTA

O passado e o futuro da atividade venatória aos olhos de Vítor Palmilha, presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses

11 REPORTAGEM

As características e potencialidades do podengo português enquanto cão de caça e o trabalho que tem sido desenvolvido na sua preservação

14 PASSOS POSITIVOS

O Município de Tavira e agentes do setor da caça assinaram um protocolo pioneiro no contexto algarvio

16 ROTEIROS

A riqueza cinegética, paisagística, patrimonial e gastronómica de Mértola, destino de eleição de milhares de caçadores

23 DIAS BONS

Três eventos que proporcionaram dias bons: a Feira da Perdiz de Martim Longo, a Feira do Montado de Portel e a Mostra Gastronómica da Caça de Mora

27 COM MUITO SABOR

'A caça em Portugal - sustentabilidade e gastronomia', um livro indispensável na cozinha de qualquer caçador

28 NOUTROS TEMPOS

A influência que o rei D. Carlos I teve na popularização da caça de batida à perdiz

29 CNCP

As 19 propostas apresentadas pela Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses ao governo

32 NOS PRÓXIMOS TEMPOS

Três eventos a não perder nos próximos tempos: a Feira de Caça e Turismo de Macedo de Cavaleiros; a Feira da Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural de Vilar Formoso e a 17.ª Montaria da Casa de Pessoal da RTP, que vai acontecer em Penamacor

38 ÚLTIMAS

Alguns dos acontecimentos que vamos desenvolver nas próximas edições da revista ALVA.

A revista ALVA é propriedade da CNCP - Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses.

EQUIPA ALVA

Direção-geral: Vítor Palmilha | Produção: Malha - Comunicação | Direção de conteúdos: Paulo Dias | Edição e redação: Lélia Madeira | Colaboração: Eduardo Valente, Leonor Rodrigues | Design e paginação: Rita Afonso | Direção comercial: João Silva

CONTACTOS

alvarevista@malha.pt | 968 339 215 | 966 945 504 | 961 891 140

BEM-VINDO À REVISTA ALVA

Esta nova publicação pretende ser mais um meio de divulgação ao serviço do imenso mundo da caça. Queremos fazê-lo pela positiva, promovendo os agentes, as atividades e os territórios.



VÍTOR PALMILHA

Presidente da Confederação Nacional de Caçadores Portugueses

Conscientes de que vivemos tempos em que a comunicação é um eixo fundamental para aprofundarmos relações, mas também uma ferramenta de importância crescente quando nos apresentamos e dirigimos às entidades competentes e sociedade em geral, decidimos revigorar a nossa estratégia neste domínio.

Para cumprirmos esse objetivo, pretendemos aprofundar a comunicação interna e externa da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, convictos de que será uma forma de nos aproximarmos e de estarmos mais unidos na defesa das nossas causas.

Vivemos tempos em que a simplificação de conceitos e a criação de estereótipos estão a

ganhar terreno, com base no uso de visões simplistas e desprovidas de conhecimento.

A caça e o mundo rural têm sido alvo de muitas dessas campanhas que, com base na desinformação, procuram desacreditar um setor fundamental do ponto de vista sócio económico para uma parte significativa do nosso território.

Temos defendido o setor junto das entidades competentes, com dados objetivos e visões muito realistas daquilo em que acreditamos.

Mas, por vezes, isso não chega, pois este é um trabalho que nunca se dará por terminado. Daí acreditarmos na necessidade de melhor nos organizarmos, de melhor

comunicarmos, de nos unirmos ainda mais na defesa das nossas convicções.

A revista ALVA parte deste pressuposto, com o objetivo de dar a conhecer este imenso mundo. Fazemo-lo pela positiva, promovendo os agentes, as atividades, as entidades e os territórios.

Lanço o desafio para colaborarem connosco, para partilharem o vosso conhecimento, pois só assim é possível fazermos uma grande promoção daquilo que é este mundo, do amor incondicional à natureza e à defesa do património cinegético que mora em cada um de nós.

Contamos com o vosso envolvimento e dedicação. Podem contar connosco.



JOÃO PAULO CATARINO

Secretário de Estado da Conservação da Natureza e Florestas

O País encontra-se ordenado sob o ponto de vista cinegético existindo pouco mais de 5000 zonas de caça, num total de cerca de mais de 7 milhões de hectares.

Esta situação tem-se mantido praticamente constante ao longo dos últimos anos, apesar das dificuldades económicas que o País e cidadãos atravessam. No entanto esta atividade teve alguns retrocessos, não só ao nível dos participantes, que se refletiu tanto na venda dos acessórios como na sobrevivência dos clubes e associações de caçadores, como ainda das organizações congregadoras daqueles, sem esquecer a “falência” de algumas zonas de caça.

O associativismo dos caçadores poderá ser considerado um caso de sucesso no nosso país. Atualmente, existem mais de 2 500 clubes e associações de caçadores, que são, na sua maioria, gestores de zonas de caça associativas, congregando, estas últimas, mais de 100 000 associados. Também aqui, o número de caçadores que praticam anualmente o ato cinegético é inferior ao total de associados: só cerca de 75% se licenciaram nas últimas épocas venatórias.

Estas conquistas foram tornadas possíveis não só pelas alterações legislativas que o permitiram, mas essencialmente pela iniciativa das organizações de caçadores, tanto singulares como coletivas.


E se aqui chegámos, importa destacar o papel da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses que teve um papel preponderante através da sua ação em defesa da Caça, dos Caçadores e do Associativismo.

É indiscutível a importância que a atividade cinegética tem na sociedade, não só como motor de desenvolvimento regional, conduzindo as pessoas para o interior do país, dinamizando o comércio local, da restauração e da alimentação, como pela formação para as questões da natureza e da preservação do ambiente, como ainda para a sua contribuição direta na melhoria das populações de algumas espécies-emblema, que devido a esta atividade vêem assim aumentadas as suas fontes alimentares, para além de permitir o controlo de espécies causadoras de prejuízos na agricultura ou noutras atividades.

Apesar de as questões económicas terem sido de certo modo ultrapassadas, pairam, no entanto, algumas ameaças que têm a ver com a posição de certos setores da sociedade (na sua grande maioria urbanos) que são contra esta prática, considerada bárbara nos tempos que correm.

Assim, urge que as organizações de caçadores (no seu todo), a sociedade civil e os órgãos estatais competentes se unam para contestar tais posições, não só através de uma maior divulgação da atividade junto de todos os setores da sociedade, com especial atenção para as camadas jovens, bem como a adoção de atitudes mais éticas junto dos caçadores, sobre o seu comportamento durante o ato de caça e na forma como a atividade é desenvolvida, com total respeito pelas espécies abatidas, bem como da sua necessidade para controlo das populações de algumas espécies consideradas nocivas.

Não tenho dúvidas de que a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses também aqui assumirá as suas responsabilidades em defesa da Caça e dos Caçadores, até pela dimensão da representatividade que detém em todo o Território Nacional.

A scenic landscape at sunrise or sunset. The sky is filled with soft, golden light and scattered clouds. The sun is low on the horizon, casting a warm glow over the scene. In the foreground, a paved road curves through a field of dry grass. To the right, a hillside is covered with trees, and a road sign is visible. In the distance, rolling mountains are visible under the hazy light of dawn or dusk.

**Alva é a claridade indecisa
que precede a aurora, o início do
crepúsculo matutino, a alvorada**

**“UMA DAS
MUDANÇAS MAIS
POSITIVAS, NOS
ÚLTIMOS TRINTA
ANOS, FOI O
ORDENAMENTO
CINEGÉTICO DO
PAÍS”**

Vítor Palmilha



Como não podia deixar de ser, a primeira grande entrevista da revista ALVA é a Vítor Palmilha. Durante esta conversa, o presidente da Confederação Nacional de Caçadores Portugueses faz um balanço do trabalho desenvolvido nas últimas três décadas e perspetiva o futuro do setor.

A Confederação Nacional de Caçadores Portugueses assinala 30 anos de existência em 2023. Quão importante foi a criação desta confederação para o setor da caça?

Foi muito importante, porque reuniu uma série de federações regionais. Na altura e hoje ainda, conseguimos, junto do governo, grandes mudanças e benefícios para o setor da caça e do mundo rural, inclusive. Este início foi muito importante porque, ao fim de muitas reuniões, chegámos a acordo e constituímos a confederação há quase 30 anos, em Bragança.

Quais as mudanças mais positivas ocorridas nestes 30 anos?

Uma das mudanças mais positivas foi o ordenamento cinegético do país, porque, na altura, era um deserto cinegético, e praticamente acabou-se com o terreno livre. O associativismo cinegético nesse período tinha pouca expressão. Conseguimos ordenar o país, constituindo zonas de caça e criaram-se clubes, associações e empresas turísticas.

Esta foi realmente uma grande luta que se travou entre os defensores do regime cinegético ordenado e os defensores do regime livre, onde se caçava sem respeito pela propriedade alheia e pela própria natureza. Sem o ordenamento cinegético, hoje, parte das espécies cinegéticas corriam sérios riscos de extinção, bem como o número de caçadores ativos seria ainda em menor número.

E, no seu entender, quais foram as mudanças menos positivas?

Quando a lei das armas apareceu, foi um grande retrocesso, para o setor cinegético. No entanto, ao longo dos anos, foram feitas diversas reivindicações pelas organizações do setor da caça, tendo sido introduzidas alterações à lei que trouxeram melhorias à atividade venatória. De outra maneira, seria quase impossível os caçadores continuarem a desenvolver a sua atividade. Os caçadores são detentores das suas armas, as entidades sabem onde elas estão e não são nenhuns criminosos.

Havia realmente um entendimento da lei que não era compatível com a modalidade e que levou ao afastamento de alguns caçadores.

Neste momento, a situação em relação à lei das armas está bem melhor.

O que Portugal tem a aprender com outros países com tradição de caça?

Não temos muito a aprender. Olhamos aqui para Espanha e verificamos que praticamente não têm coelhos e que as perdizes são entre 80 a 90% de aviário.

Em Portugal, de norte a sul, temos muitas perdizes-vermelhas em estado puro. Se há 30 ou 35 anos muitos portugueses iam caçar para Espanha, hoje o que verificamos é a situação inversa, muitos espanhóis vêm caçar a Portugal. É sinal de que temos feito um trabalho bom, nestes últimos anos, com a ajuda do governo, do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas - ICNF.

No dia 8 de setembro de 2022, a CNCP entregou um documento ao secretário de estado João Paulo Catarino com 19 propostas (ver resumo nas páginas 29 e 30) para o setor cinegético. Quais destacaria?

Estamos preocupados, por exemplo, com a diminuição da perdiz-vermelha e do coelho-bravo. Pedimos que se pudesse controlar as rolas-turcas e a pega-azul, porque estas causam prejuízos enormes na agricultura e nas espécies cinegéticas e não cinegéticas, estamos apreensivos com o futuro da lebre que é uma espécie que está em grandes dificuldades. A sua recuperação não está a acontecer naturalmente e propomos a criação de um centro de recuperação, de conhecimento e introdução de lebres nos seus *habitats*.

Mostramo-nos disponíveis para efetuar uma revisão da regulamentação da lei da caça. E também sugerimos a obrigatoriedade de formação para os novos caçadores.

Por outro lado, preocupa-nos imenso quando o governo decreta a situação de alerta no período do verão, proibindo que os caçadores vão para o terreno efetuar vigilância e defender aquilo que é deles. O que pretendemos, é que, quando forem decretadas situações de alerta devido ao risco de incêndio, seja permitida a prática da caça.

Desde a entrega do documento até agora, já obtiveram respostas concretas a algumas dessas propostas?

Já reunimos com o ICNF em relação aos pontos 1 e 2 do documento. Em relação à alteração da portaria do PDR 2020, o senhor secretário de estado também já demonstrou grande disponibilidade para resolver o problema, na medida do possível. Também nos foi dito que a venda de licenças de caça a não residentes poderá passar outra vez para as organizações do setor. Estamos convictos que, com a boa vontade da tutela, iremos resolver alguns dos problemas do setor.

O que espera para o futuro da caça em Portugal?

Espero que os caçadores e os proprietários rurais prossigam de mãos dadas na gestão dos *habitats* e na preservação e fomento das espécies e que seja possível a breve prazo efetuar uma alteração à regulamentação da lei da caça.



Há cada vez menos jovens interessados no mundo rural, em geral, e na caça, em particular. De que forma poder-se-ia inverter esta situação?

Antigamente, as pessoas, quando saíam de casa para caçar, levavam os jovens pequenos consigo. Hoje, isso tudo acabou, porque só se pode começar a caçar aos 16 anos e, com essa idade, já os jovens têm outros interesses: as discotecas, os computadores. Gostam de viver uma vida totalmente diferente. Esta evolução é normal, mas faz com que os jovens não se queiram levantar cedo para ir caçar. Tudo isto faz com que as raízes ao mundo rural se vão perdendo, mas não é só na caça. Há pessoas que, se calhar, só veem as galinhas nos supermercados, e já sem penas.

Uma forma de contrariar isto é nas escolas, começando, desde logo, pelos professores que não sabem o que é a caça, que dizem "coitado do animal", esquecendo-se de que também se matam galinhas, borregos, leitões e outros animais para comer.

As pessoas, no geral, não sabem o que é uma zona de caça e o que é gerir uma zona de caça. O desenvolvimento cinegético faz com que não haja abandono. Por exemplo, muitas das zonas cultivadas na serra algarvia existem graças aos caçadores.

No entanto, há quem reconheça a importância dos caçadores, como é o caso de muitos municípios de norte a sul de Portugal, e a prova disso é a Câmara de Tavira que assinou, no passado mês de novembro, um protocolo pioneiro com os clubes de caça do concelho e com a Federação de Caçadores do Algarve (ver página 14).

Este protocolo é um sinal claro da importância do trabalho desenvolvido pelos caçadores no terreno, contribuindo para a alimentação de várias espécies cinegéticas e não cinegéticas, e na prevenção de incêndios florestais, através da gestão de matos, criando clareiras em vastas áreas ocupadas por matagais.

“AS PESSOAS, NO GERAL, NÃO SABEM O QUE É UMA ZONA DE CAÇA E O QUE É GERIR UMA ZONA DE CAÇA. O DESENVOLVIMENTO CINEGÉTICO FAZ COM QUE NÃO HAJA ABANDONO. POR EXEMPLO, MUITAS DAS ZONAS CULTIVADAS NA SERRA ALGARVIA EXISTEM GRAÇAS AOS CAÇADORES. A OPINIÃO PÚBLICA NÃO SABE O QUE É A CAÇA E FALA SEM SABER”

Considera que a revista ALVA poderá ser um bom meio para consciencializar mais pessoas para a importância da caça?

Sim, esse é um dos objetivos. Com esta revista, queremos chegar a muitas pessoas e divulgar todo o trabalho desenvolvido no setor. Além das caçadas e dos convívios, há também a parte ambiental que é importantíssima, que não podemos deixar de enumerar. Fomos nós caçadores que criámos as condições essenciais para libertar mais de cem linces, no Parque Natural do Vale do Guadiana, e também águias imperiais. Por isso, deveremos ser reconhecidos e recompensados por parte do estado, porque são as organizações de caçadores que estão a alimentar essas espécies.

Voltando ao assunto que iniciou esta conversa: estão previstas algumas iniciativas para assinalar os 30 anos da confederação?

Neste momento, ainda não, mas, dentro de pouco tempo, vamos pensar nisso. Tenho a certeza de que vamos fazer uma grande festa. Gostava que fosse no Algarve. Levarei essa proposta à reunião de direção e de certeza que os meus colegas não se irão opor a este meu desejo.



VÍTOR PALMILHA: UMA VIDA DEDICADA À CAÇA

Vítor Manuel Bota Palmilha, casado, pai de três filhos, nasceu e cresceu em Tavira.

Com uma carreira profissional ligada à Direção Regional de Agricultura do Algarve, cedo abraçou o movimento associativo na sua cidade natal, começando por ser diretor na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música de Tavira com apenas 18 anos.

A sua dedicação à caça e ao mundo rural também começou bem cedo, tendo sido sócio fundador do Clube de Caçadores e Pescadores de Tavira, a que preside desde 1988, e que deu origem à constituição, em 1991, da Federação de Caçadores do Algarve, de que é presidente e sócio n.º 1.

Outro marco no percurso de Vítor Palmilha é o seu envolvimento na constituição e fundação da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses - CNCP, em 1993.

Neste organismo, foi secretário, vice-presidente, presidente da mesa da assembleia-geral e presidente, cargo que assume pela segunda vez desde 10 de julho de 2022. A primeira vez que assumiu a presidência da CNCP foi entre 2008 e 2012.

Destaque, ainda, para a sua ligação ao Conselho Cinegético Municipal de Tavira e ao Conselho Nacional da Caça, enquanto dirigente.

O nome de Vítor Palmilha está igualmente associado a entidades de outras áreas, tendo sido diretor na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música de Tavira, Ginásio Clube de Tavira e no Clube de Tavira, bem como sócio fundador do Clube de Ciclismo de Tavira, do Rotary de Tavira e do Elos Clube de Tavira.

Vítor Palmilha ocupa os seus tempos livres à volta dos livros e das praias do "seu" Algarve, região que acolhe a 'Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza', um evento que organiza desde a primeira hora e que completou as 24 edições, em 2022.

PODONGO: "PROVAVELMENTE" A RAÇA DE CÃES PORTUGUESA MAIS INTERNACIONAL DE TODAS

O podengo é um dos cães de caça que integra a lista de onze cães autóctones portugueses, um número bastante considerável, dada a dimensão de Portugal.



© Clube Português de Canicultura

A expressão "o cão é o melhor amigo do homem" ganha ainda mais força quando falamos de caçadores. Os cães desempenham, sem dúvida, um papel fundamental nesta atividade. Por isso, nesta primeira reportagem da revista ALVA, quisemos dar a conhecer em pormenor o podengo, um dos três cães de caça autóctones portugueses, e o trabalho que tem sido desenvolvido na sua preservação.

Vítor Veiga, presidente do Clube do Podengo Português (CPP), tomou contacto com um exemplar desta raça aos "19 ou 20 anos quando uma cadela pequena e de pêlo cerdoso, pertencente a um dos meus primos, se destacou a caçar de forma invulgar durante várias épocas", recorda à revista ALVA.

A paixão de Vítor Veiga pelos podengos não parou de crescer. Quando ingressou na canicultura oficial, chegou a participar em exposições com cães de uma raça estrangeira.

Nessas primeiras exposições, verificou que "participavam podengos portugueses das três variedades de tamanho e com os dois tipos de pêlo e uma delas era exatamente igual àquela cadela com que caçava todos os anos".

Foi aí que tomou consciência das excelentes capacidades desta raça e, desde então, nunca mais deixou de ter podengos. Hoje, Vítor tem cerca de uma dezena de podengos pequenos, mas no passado teve bem mais e de todas as variedades.

O podengo português além-fronteiras

O podengo português é "provavelmente a raça portuguesa mais internacional de todas", afirma Vítor Veiga. Existem por todo o mundo 14 clubes de divulgação do podengo português e vários milhares de exemplares. Há, inclusivamente, países com mais efetivos do que Portugal. São os casos da Finlândia, dos Estados Unidos da América, da Suécia e da Inglaterra.



© Vítor Veiga

"Esta realidade aplica-se essencialmente à variedade pequena (lisa e cerdosa), pois é a que teve maior expansão, atendendo ao seu perfil de cão de companhia. As variedades médias tiveram uma expansão mais lenta e em menor número, encontrando-se, ainda assim, em razoável quantidade nos países da Europa Central e do Norte e também nos Estados Unidos da América. A variedade grande tem pouca expressão à semelhança do que se passa em Portugal".

No entender de Vítor Veiga, a expressiva presença de podengos um pouco por todo o mundo é o reflexo da estratégia da internacionalização implementada pelo CPP, que "abriu as portas aos criadores portugueses, dando a visibilidade necessária à criação e seleção desta raça autóctone nacional".

"Existem por todo o mundo 14 clubes de divulgação do podengo português e vários milhares de exemplares."

PODENGO PORTUGUÊS

A história

Cão do tipo primitivo, tem a sua origem provável nos antigos cães trazidos pelos fenícios e romanos para a Península Ibérica na antiguidade clássica.

A raça evolui graças à introdução de cães que acompanhavam os mouros nas invasões no século VIII. Este cão adaptou-se ao território e clima portugueses para se tornar naquele que é conhecido nos nossos dias pelo nome de "podengo português".

A sua utilização ao longo dos séculos fez evoluir a sua morfologia. A variedade pequena foi selecionada a partir do século XV para servir de rateiro nas caravelas da marinha portuguesa.

O comportamento e o carácter

O podengo grande é utilizado para a caça grossa. O podengo médio é conhecido também por "cão de tapada", tendo aptidão natural para a caça ao coelho, caçando seja em matilha ou sozinho.

O podengo pequeno, por sua vez, é utilizado para procurar o coelho nas covas e entre as rochas. Em todas as variedades, o podengo português é também utilizado como cão de guarda e de companhia.



© Ana Catarina Alves

Clube Português de Canicultura: um importante aliado na defesa das raças autóctones

Defender e divulgar as raças caninas portuguesas, enquanto partes integrantes do nosso património histórico e cultural, é precisamente um dos objetivos do CPC - Clube Português de Canicultura, reconhecido recentemente pelas Nações Unidas como Clube UNESCO.

Para o efeito, desenvolvem um conjunto de ações, tanto a nível nacional como internacional, através de uma comissão especializada nas raças portuguesas, cujo trabalho passa por transmitir, junto de entidades institucionais e de legisladores, "a importância e o valor das nossas raças, uma vez que cada uma delas se desenvolveu de forma natural, numa determinada região, com uma determinada função, criando um impacto socioeconómico importante, sendo em cada caso um fiel parceiro do seu dono e de indiretamente protegerem outras raças autóctones e tradições regionais", explica Pedro Rodrigues, vice-presidente do CPC.

Todos os anos, o Clube Português de Canicultura organiza diversos eventos especializados apenas para as raças portuguesas em parceria com os seus clubes de raça, que têm sempre um forte envolvimento das populações e impacto na economia local.

"Todas as entidades que colaborem na defesa e promoção das raças portuguesas têm uma enorme importância para nós, Clube Português de Canicultura", sublinha Pedro Rodrigues.

Para o responsável, "sendo as três raças autóctones portuguesas exímias na arte de caçar, a colaboração com as diferentes associações de caça são de enorme importância, uma vez que grande parte do património genético dessas mesmas raças encontra-se na casa de cada um dos seus associados".

Daí que estejam sempre disponíveis para ajudar a concretizar iniciativas como a Taça de Portugal 2022 em provas de cães de parar, que se realizou em Penamacor, ou como a prova de aptidão natural para podengos portugueses, que decorreu em Almeirim, ambas em colaboração com associações locais.

A par do papel das associações, Pedro Rodrigues realça, ainda, a importância da comunidade em geral na defesa destas raças, referindo que "a melhor forma de contribuir será divulgando-as, adquirir mais conhecimentos sobre as mesmas junto de nós e dos criadores e, sem dúvida, optar por uma das nossas onze raças portuguesas. Cada uma delas, para além da sua rusticidade, inteligência e funcionalidade, tem uma enorme capacidade de aprendizagem e adaptação a uma nova realidade".

O responsável apela ainda para que os cães sejam adquiridos "sempre de uma forma responsável, devendo ser consultadas as suas características de antemão e avaliar o que melhor se adapta à sua realidade e quotidiano."



© dehunderassen.de

PROTOCOLO PIONEIRO ASSINADO EM TAVIRA

O dia 28 de novembro ficou marcado pela assinatura de um protocolo entre o Município de Tavira, os clubes de caça que operam no concelho e a Federação de Caçadores do Algarve.



Pioneiro no contexto algarvio, este acordo tem como propósito a instalação e manutenção de pastagens anuais semeadas em rede de Faixas de Gestão de Combustível - troços da rede primária, da rede secundária e mosaicos de parcelas de gestão de combustível-.

Esta iniciativa visa, por outro lado, mobilizar os agentes do setor cinegético “para uma maior integração na prevenção de incêndios rurais, assim como para a criação de um mosaico paisagístico que contribua para a beneficiação do habitat e da biodiversidade”, explica a autarquia de Tavira em nota informativa enviada à revista ALVA.

Ainda segundo a edilidade, “a celebração deste protocolo irá possibilitar a articulação de todas as entidades participantes nos sistemas de autoproteção de pessoas e infraestruturas, mobilizando o setor agrícola para a prevenção e adoção de boas práticas, nomeadamente: execução e manutenção de faixas de gestão de combustível, a renovação de pastagens ou mosaicos

agrossilvopastoris determinantes para um território mais resiliente, viável e gerador de valor”.

Ao abrigo deste protocolo, o Município de Tavira vai conceder 139 mil euros e atribuir sementes para a instalação de pastagens anuais.

A atribuição das sementes vai permitir colmatar o défice de recursos alimentares disponíveis para a fauna cinegética. Com a instalação de culturas com cereais e leguminosas nas zonas mais desprovidas de alimento ou com alimento de baixa qualidade, será possível a fixação dos animais e o seu desenvolvimento.



Entidades abrangidas

Associação Agro-Cinegética dos Estorninhos
 Associação de Caçadores da Feiteira
 Associação de Caçadores de Cintados
 Associação de Caçadores do Alvisquer
 Associação de Caçadores do Faz-Fato
 Associação de Caçadores do Grainho
 Associação de Caçadores e Pescadores de Relvais
 Associação de Caçadores e Pescadores do Badanal
 Associação de Caça e Pesca dos Fusos
 Clube de Caça e Pesca da Cabeça Gorda
 Clube de Caça e Pesca do Aragão
 Clube de Caçadores da Amoreira
 Clube de Caçadores da Asseca
 Clube de Caçadores das Solteiras
 Clube de Caçadores de Vale de Murta
 Clube de Caçadores do Vale Formoso
 Clube de Caçadores dos Castelos
 Clube de Caçadores Pacíficos de Santo Estêvão
 Clube de Caçadores Portela Corcha
 Clube de Caça e Pesca de Santa Margarida
 Clube de Caça e Pesca dos Morenos
 Clube de Caça e Pesca dos Palheiros
 Clube de Caça e Pesca Espiga Dourada de Santa Catarina
 Clube de Caça e Pesca Luzense
 Clube de Caça e Pesca Várzeas do Vinagre
 Clube de Caça e Tiro Casa Cheia - Picota
 Laços Selvagens - Associação de Caça e Pesca Migrantes - Associação de Caçadores
 Associação de Desenvolvimento Cinegético de Água de Tábuas
 Clube de Caça Associativo do Carvalhal
 Associação de Caça e Pesca Artesanal de Sta Catarina da Fonte do Bispo
 Federação de Caçadores do Algarve
 Associação de Caça do Barranco da Vaca
 Clube de Caçadores e Pescadores de Tavira
 Clube de Caça e Pesca de Amaro Gonçalves
 Clube de Caça e Pesca da Maritenda
 Associação de Caçadores e Pescadores das Taipas
 Clube de Caçadores dos Montes Novos
 Clube de Caça dos Currais



Tavira

PRÓXIMO DESTINO: MÉRTOLA

Com uma história venatória amplamente reconhecida e a quase totalidade do seu território ordenado em reservas de caça, Mértola é hoje a capital nacional desta arte milenar e destino de eleição de milhares de caçadores, mas há muito mais para fazer e desfrutar neste concelho do interior alentejano.



© Reinaldo Rodrigues

Mais de uma centena de zonas de caça

As montarias, as esperas ou a caça com cães de parar são algumas das modalidades disponíveis nas 120 zonas de caça existentes no concelho de Mértola. Destas, 56 são turísticas, 1 é zona de caça municipal e 63 são zonas de caça associativas. Contas feitas, os terrenos afetos à exploração venatória compreendem cerca de 90% da área total do município.

Quem conhece bem o território certamente que não se surpreende com estes números. A prevalência da atividade cinegética face a outras deve-se às suas características orográficas e climáticas.

Por um lado, a pobreza dos solos e a aridez do clima tornam a atividade agrícola difícil. Por outro, é uma zona propícia à caça menor, por ser essencialmente composta por planícies, recortadas por diversas linhas de água, intercaladas por alguns afloramentos rochosos. Ao nível da cobertura vegetal, predominam as áreas de matos, compostas por estevas e outros arbustos rasteiros tipicamente mediterrânicos.

Principais espécies venatórias

A perdiz-vermelha, a lebre e o coelho-bravo em estado selvagem são os produtos cinegéticos de excelência do município de Mértola, no que à caça menor diz respeito. Na caça maior, destacam-se o javali, o veado, o gamo e o corso.

Excelência cinegética celebrada em mais uma feira

Um evento muito importante para o concelho e para os caçadores de todo o país é a Feira da Caça de Mértola. A 13.ª edição aconteceu entre os dias 21 e 23 de outubro e levou cerca de 15 mil pessoas ao Pavilhão Multiusos, pelo que indicou à revista ALVA o presidente da autarquia.

Mário Tomé fez um balanço “extremamente positivo”. “Ao longo dos três dias de feira, posso considerar que houve uma ‘simbiose’ perfeita entre visitantes, expositores e comunidade. Do ponto de vista coletivo, estamos de parabéns por termos alcançado o objetivo de realizar mais um certame de sucesso que muito nos orgulha, sem cairmos na

banalização de realizar apenas mais uma feira. Inovámos e conseguimos criar um fator diferenciador junto das pessoas que nos visitaram. Este é um dos nossos compromissos: criar algo de novo todos os anos e acrescentar valor”.

O vasto programa da XIII Feira da Caça de Mértola incluiu conferências, observação de fauna viva no seu ‘habitat’, sugestões gastronómicas, caçadas de falcoaria e caça de salto, assim como a 12.ª Taça Ibérica Santo Huberto. O evento teve também um cariz solidário, pois toda a receita conseguida com as entradas reverteu a favor da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Mértola.



© visitmertola.pt



As montarias, as esperas ou a caça com cães de parar são algumas das modalidades disponíveis nas 120 zonas de caça existentes no concelho de Mértola. Destas, 56 são turísticas, uma é zona de caça municipal e 63 são zonas de caça associativas. Contas feitas, os terrenos afetos à exploração venatória compreendem cerca de 90% da área total do município.



© visitmertola.pt



© visitmertola.pt

Município aposta forte na valorização do património natural

O setor cinegético é fulcral para o concelho de Mértola, mas há outros que também têm merecido especial atenção por parte das entidades locais.

O presidente da autarquia sublinhou à nossa revista que, “ao longo dos anos, tivemos a capacidade e a audácia de apostar na valorização do seu património histórico e nas suas raízes, mas, neste momento, queremos dar mais um passo nesta longa caminhada e realizar a mesma aposta no património natural”.

São já “vários os projetos no terreno, que dão corpo a esta aposta”. Mário Tomé refere, a título de exemplo, a Estação Biológica de Mértola, que “dá uma resposta mais académica à preservação dos ecossistemas”. O autarca realça, contudo, que “esta aposta só faz sentido com a envolvimento e valorização do setor cinegético”.

© CM Mértola



Lince-ibérico simboliza trabalho conjunto de preservação da biodiversidade

Efetivamente, a atividade cinegética não se reduz à caça *per si*. Esta também desempenha um papel importante na promoção de boas práticas de gestão de habitats e espécies.

Os gestores cinegéticos e as entidades do setor têm participado ativamente em vários projetos de conservação da biodiversidade e dos ecossistemas. Um dos que mais bem simboliza este trabalho conjunto é o projeto de reintrodução do Lince-Ibérico em Portugal, iniciado em 2015.

Desde então, têm sido libertados no concelho de Mértola vários exemplares desta espécie. Estima-se que haja cerca de duas centenas de lincos em liberdade no

concelho, já a reproduzirem-se até aos municípios vizinhos. A abundância de coelho, base da alimentação do lince, a par das boas condições do *habitat* e a colaboração de várias entidades públicas e privadas têm sido fatores determinantes no sucesso deste programa.

Caçar em Mértola é, assim, uma forma de contribuir para o desenvolvimento sustentável e para a dinâmica do mundo rural, bem como para a conservação e valorização do património natural e da biodiversidade.

Sazonalidade turística já não se sente tanto

“É um facto que ainda sentimos as flutuações de visitantes devido à sazonalidade tipificada do setor turístico”, no entanto, esta é “uma questão que se tem esbatido e a tornar-se mais difusa ao longo do ano, devido à capacidade

de promoção do município como um todo”, justifica Mário Tomé.

A caça “tem um peso na economia local, que excede em larga escala o impacto das atividades exclusivas do setor. Ou seja, o impacto económico proporcionado pela caça não se restringe unicamente aos agentes económicos do setor”, acabando por favorecer também as empresas de hotelaria e restauração.

A atração de visitantes para Mértola permite-nos potenciar todo o património, histórico e natural, e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento de outras atividades que ajudam efetivamente a reverter a sazonalidade turística neste território”, conclui.



© Carlos Nunes



© visitmertola.pt

"A caça tem um peso na economia local, que excede em larga escala o impacto das atividades exclusivas do setor. Ou seja, o impacto económico proporcionado pela caça não se restringe unicamente aos agentes económicos do setor, acabando por favorecer também as empresas de hotelaria e restauração."

Mário Tomé
Presidente da Câmara Municipal de Mértola





© visitmertola.pt

ONDE COMER

Restaurante O Repuxo

Os pratos de caça feitos à base de perdiz ou de javali estão entre as especialidades da vasta carta do restaurante O Repuxo. Os apreciadores de borrego, de umas boas migas à alentejana e de peixe grelhado também vão adorar descobrir este espaço conhecido pelo seu ambiente familiar e acolhedor, que faz com que os clientes sintam como se estivessem em casa. É muito fácil de encontrar este restaurante, já que fica bem perto da rotunda do repuxo, que lhe dá nome.

Restaurante Alentejo

Este é o local ideal para descobrir os costumes do Alentejo Interior. A alma alentejana está presente na decoração e na forma genuína e particular com que os clientes são recebidos por Cesário Tomaz, o qual serve as delícias gastronómicas locais vestido de traje típico. Entre as especialidades da casa estão a mista de porco preto com migas, cabeça de borrego, sopa de cação e, como não podia deixar de ser, pratos de caça com javali ou veado.



© visitmertola.pt

ONDE FICAR

Casa do Guizo

Situada em pleno Parque Natural do Vale do Guadiana, a Casa do Guizo é uma ótima opção para quem procura uns dias em harmonia com a natureza. A propriedade está inserida na reserva de caça turística Monte do Guizo, sendo assim a junção do útil ao agradável para os aficionados da atividade.

Monte do Alinho

Este empreendimento turístico tem como base um monte alentejano, mantendo as raízes da arquitetura e decoração típicas da região. Os hóspedes do Monte do Alinho podem ocupar o tempo com passeios de bicicleta, caminhadas, pesca desportiva, tiro ao prato e caça. Neste espaço, é ainda possível encontrar vários animais rurais, tais como galinhas, ovelhas e vacas.



© visitmertola.pt



© visitmertola.pt

O QUE VISITAR

Museu de Mértola - Cláudio Torres

A melhor forma de conhecer a riqueza patrimonial e histórica do concelho mertolense é visitando o Museu de Mértola - Cláudio Torres, composto por 14 núcleos das épocas romana, visigótica e islâmica. Estes núcleos estão distribuídos pela vila e pelas localidades de Mosteiro, Alcaria de Javazes e Mina de São Domingos. A diversidade temática e o facto de a coleção não estar exposta num único local permitem organizar os mais variados percursos.

Parque Natural do Vale do Guadiana

Não é possível falar de Mértola sem falar do rio Guadiana. É a partir dele e por causa dele que surge a vila. Vale muito a pena descobrir o Parque Natural do Vale do Guadiana, cujo símbolo é uma ave de presa tal como está representada num prato islâmico do século XI. As paisagens naturais de cortar o fôlego, como o Pulo do Lobo, as espécies de vegetação únicas, como o trevo-de-quatro-folhas-peludo, ou os moinhos de maré seculares fazem deste um local apetecível para passeios a pé ou de canoa - para quem é dado a atividades mais radicais.



© visitmertola.pt



© José Carlos Igreja



© roadtofreedomblog.com



MÉRTOLA

capital nacional da caça



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

RAINHA DA CAÇA MENOR ATRAIU MILHARES A MARTIM LONGO

A XIII Feira da Perdiz não poderia ter corrido da melhor maneira. Residentes e não residentes, portugueses e estrangeiros, aficionados da caça e apenas curiosos. Muitos foram os que, nos dias 12 e 13 de novembro, visitaram o certame, que voltou a acontecer em Martim Longo, mas num novo local.



Nesta edição, a autarquia de Alcoutim decidiu juntar as tasquinhas, os expositores e a área de espetáculos num único espaço, junto à Avenida dos Almocreves, “para criar uma maior dinâmica” e “facilitar as sinergias”, explicou Osvaldo Gonçalves à revista ALVA.

O local e a disposição do evento mudaram, mas o principal objetivo manteve-se: “promover as excelentes condições cinegéticas do concelho”.

Condições singulares para a caça

“Temos condições singulares para a caça, para a cinegética, desde logo, porque em termos de orografia, o terreno é muito bom e propício para as jornadas de caça.

Depois, a proximidade com o Vale do Guadiana e a ribeira do Vascão permite condições extraordinárias para a criação não só da perdiz, mas também do coelho e da lebre”, sublinhou o presidente da autarquia.

Por outro lado, “com a introdução do pinheiro-manso, criaram-se condições para a caça maior, como o veado e o javali. Ao nível da caça maior, o concelho de Alcoutim tem condições de segurança ímpares para organizar montarias. A nossa orografia tem condições ótimas para fazer as marcações dos postos”, destacou o autarca.

O crescente preconceito à volta da caça é um dos fatores que tem dificultado o desenvolvimento da atividade. “Há um preconceito ideológico em relação à caça, que tem crescido devido à diminuição de pessoas nos territórios rurais”. Os movimentos anti caça “tendem a crescer nas cidades e, muitas vezes, são liderados por pessoas que não conhecem o mundo rural, não conhecem a história, não conhecem aquilo que está ligado à tradição da caça.

E a voz dessas pessoas começa a ser cada vez mais audível, porque cada vez há menos pessoas que façam o contraditório”. Por isso, “tem de haver da nossa parte, da parte da autarquia de Alcoutim, o compromisso de sermos também uma voz na defesa destas tradições e destes valores que fazem parte da nossa tradição, da nossa cultura”.

Cultura enraizada no concelho

A caça está de tal forma enraizada na cultura do concelho alcoutenejo que Osvaldo Gonçalves estima que a maioria dos municípios se dedique a essa atividade: “não arrisco números, mas, certamente, que mais de metade são caçadores”. Além de muitos caçadores, Alcoutim tem também muitas zonas de caça, sendo o maior concelho do Algarve para a prática da atividade.

No entanto, atualmente, está a passar por uma fase menos boa, segundo o presidente da Federação de Caçadores do Algarve - FCA, uma das entidades

parceiras na organização da Feira da Perdiz de Martim Longo.

Em conversa com a revista ALVA, Vítor Palmilha recordou que, “há dez anos, dizia-se que Alcoutim era um concelho muito equiparado a Mértola em termos de espécies cinegéticas de caça menor. Era um concelho excelente. Neste momento, está com sérias dificuldades, mas é o que tem mais zonas de caças turísticas no Algarve e é o maior concelho de caça na região”.

Alavanca de promoção

Por isso, o responsável da FCA considera que “a Feira da Perdiz é muito importante, porque é uma alavanca para levantar este concelho em termos cinegéticos e a câmara de Alcoutim tem efetivamente feito um trabalho nesse sentido”.



Perdiz-vermelha é presença habitual na paisagem

A Feira da Perdiz de Martim Longo é dedicada à caça em geral, mas o seu nome deve-se ao facto de a perdiz-vermelha, rainha da caça menor, ser particularmente comum nesta região.

Apesar de ter sofrido um marcado declínio na Península Ibérica, é frequente surgirem bandos de perdizes-vermelhas a atravessar as estradas do município de Alcoutim.

Esse declínio fica a dever-se "à introdução da florestação, o que fez diminuir parcialmente o potencial reprodutivo da perdiz.

Quanto maior densidade existe na floresta, menor é a potencialidade de reprodução da perdiz, pois existem mais predadores", explicou-nos o autarca Osvaldo Gonçalves, acrescentando que "de alguma forma, o progressivo abandono das práticas agrícolas, nomeadamente nos cereais, também diminui as condições para a reprodução da perdiz".

Apesar disso, no concelho de Alcoutim, segundo o autarca, "ainda existem uns efetivos significativos de perdiz-vermelha autóctone", que se "vão mantendo graças às lavouras e sementeiras feitas pelas zonas de caça associativas e turísticas".



© CM Alcoutim



© CM Alcoutim



© CM Alcoutim

PORTEL VOLTOU A PROMOVER AS POTENCIALIDADES DO MONTADO

Muitos foram aqueles que não quiseram perder a XXI Feira do Montado de Portel, que aconteceu entre os dias 30 de novembro e 4 de dezembro.



Após dois anos de interregno, devido à pandemia provocada pela COVID-19, “foi com entusiasmo que assistimos novamente à vinda de muitos para visitar um evento que continua a afirmar-se no contexto nacional, regional e local como uma referência no debate e discussão de políticas suberícolas, contribuindo de forma decisiva para uma maior visibilidade do montado

em todas as suas dimensões e, naturalmente, valorizando e promovendo o montado, como instrumento estratégico de desenvolvimento”, referiu o Município de Portel em nota enviada à revista ALVA.

A edição de 2022 da Feira do Montado de Portel contou com a participação de diversos expositores, demonstrações de

cozinha, provas desportivas, bem como apresentação de produtos derivados do montado e da região.

A Federação Alentejana de Caçadores, filiada da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, marcou presença no evento através de um *stand* institucional, onde divulgou as atividades e territórios da região ligados ao setor.



PRATOS DE CAÇA FIZERAM ESQUECER O FRIO

Javali, veado, lebre ou pombo foram alguns dos ingredientes-estrela dos pratos servidos na 27.ª edição da Mostra Gastronómica da Caça de Mora, que se apresentou com uma imagem diferente, mais moderna, mas sem fugir à sua essência rústica e medieval.



Este ano, o evento decorreu de 26 de novembro a 11 de dezembro, nas quatro freguesias do concelho, com a participação dos restaurantes O Poço, A Palmeira, Os Arcos, O Solar da Vila, Afonso, Hélder Ganhão, O Alentejano, Sabores de Mora, O Espanhol e O Forno.

A presidente da Câmara de Mora referiu à revista ALVA que **este é um evento “aguardado por todos ao verem chegar o fim do mês de novembro”**.

Paula Chuço justificou a longevidade desta mostra com o facto de integrar “o programa cultural anual do município, tendo criado nos nossos visitantes o hábito de virem ao concelho nesta altura para desfrutar do conforto da gastronomia de caça”.

“Grande parte do sucesso deste evento deve-se também à qualidade do que se faz no nosso concelho. **É importante dizer que o mérito é dos nossos restaurantes**. Se os visitantes querem regressar é porque foram brindados com comida de excelência. E isso devemos a quem confeciona a nossa gastronomia”, enalteceu a autarca.

Por esse motivo, durante os 15 dias da mostra, “vimos aumentar o número de pessoas nos nossos restaurantes, que procuram o conforto da gastronomia de caça nestes dias mais frescos”.

Esta iniciativa reveste-se de enorme importância para outras áreas além da restauração, pois **“poderá mostrar aos visitantes as diferentes valências do nosso concelho que não se prendem com a época balnear, como o Fluviário ou o Museu do Megalitismo”**, exemplificou Paula Chuço.

Parte da dinâmica associativa do concelho está ligada à caça

A caça tem ainda um grande impacto em Mora, sendo que parte das associações do concelho estão ligadas a esta atividade. O javali e o veado, por exemplo, são duas espécies cuja presença é bastante significativa, e atraem muitos caçadores àquele município do Alto Alentejo.





LIVRO INDISPENSÁVEL NA COZINHA DE QUALQUER CAÇADOR

Nesta obra, a autora, Fátima Moura, propõe-se a "ajudar o cozinheiro a perceber melhor as peças que vai cozinhar e o caçador a fazer um melhor aproveitamento destas na cozinha, e, sobretudo, que ambos possam valorizar e respeitar a morte do animal, através do seu aproveitamento integral, e da alegria que pode dar-nos à mesa."

Este livro resulta de uma parceria com o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas - ICNF, tendo sido seleccionadas espécies como a galinhola, a narceja, a perdiz, o pato, o pombo, os tordos, o coelho, a lebre, o javali e o veado.

Além de uma descrição das características morfológicas, do *habitat* e da alimentação de cada uma, são apresentados alguns apontamentos de caça, notas sobre o seu uso na cozinha, bem como receitas tradicionais e originais.

D. CARLOS I E A PAIXÃO PELA BATIDA À PERDIZ

A tradição da caça de batida à perdiz remonta a séculos, mas começou a tornar-se verdadeiramente popular a partir de finais do século XIX, com o rei D. Carlos I.



Apaixonado pela batida à perdiz, D. Carlos gostava de utilizar balas em vez de cartuchos, conseguindo, todavia, abater um grande número de perdizes, o que tornava a caça ainda mais do seu agrado.

Até essa altura, os caçadores eram apenas membros das famílias mais importantes do reino, nomeadamente a família real. Ou seja, a caça era uma atividade exclusiva dos aristocratas proprietários de terras e dos seus amigos. Posteriormente, a caça de batida à perdiz começou a ser praticada pelos caçadores em geral, sendo, atualmente, um dos desportos mais aficionados, tanto em Portugal, como em Espanha.

No documentário 'D. Carlos I, O Rei Caçador', realizado em 1963 pela RTP, está bem espelhado o gosto do monarca português pela caça e montaria, através do recurso a fotografias da época. Exímio atirador, os feitos desportivos de D. Carlos I cruzaram fronteiras e celebrizaram-no como um dos maiores caçadores do seu tempo.

Nesse mesmo filme, que pode ser visto no website arquivos.rtp.pt, é ainda referido o talento de D. Carlos para a pintura, com preferências por aquarelas de pássaros, tema que refletia outra das suas muitas paixões: a ornitologia.

Uma das obras produzidas pelo rei D. Carlos I é precisamente o 'Catálogo Ilustrado das Aves de Portugal'. Com mais de 100 anos, esta publicação reúne um total de 40 espécies de passeriformes. As estampas são da autoria de Enrique Casanova, e não do rei D. Carlos I, ao contrário do que se pensava inicialmente.

Trata-se de uma obra bastante minuciosa. Cada espécie é apresentada com o nome científico, o nome vernáculo em cinco idiomas, o estatuto migratório e a abundância. Em alguns casos, são referidos locais onde o rei terá observado ou capturado determinadas espécies de aves.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CAÇADORES PORTUGUESES APRESENTOU PROPOSTAS A SECRETÁRIO DE ESTADO

No dia 8 de setembro de 2022, uma delegação da CNCP chefiada pelo seu presidente reuniu com João Paulo Catarino, o qual tutela a Secretaria de Estado de Conservação da Natureza e Florestas, para apresentar 19 propostas que vão ao encontro das aspirações desta confederação e que podem contribuir para melhorar o setor.

AS PROPOSTAS APRESENTADAS AO GOVERNO



01

Transferir para as organizações do setor da caça (OSC) a competência de atribuição de selos de caça maior para atos venatórios e ações de correção de densidade, às entidades gestoras de zonas de caça e registo do número de selos atribuídos e respetiva numeração, na plataforma RUBUS.

02

Possibilitar que as organizações do setor da caça peçam a carta de caçador, renovação, emissão da 2.ª via e inscrição para exame, no website do ICNF, sem que para isso seja necessária a criação de uma conta para cada caçador.

03

Implementar uma plataforma electrónica que permita às OSC a introdução dos resultados anuais de exploração cinegética e a atualização dos caçadores associados.

04

Alargar a venda de licenças de caça às Federações e às Confederações, revertendo parte da receita para as OSC, como compensação pela tarefa de introdução dos resultados de exploração cinegética.

05

Alterar a portaria n.º 188/2016 de 13 de julho da medida 8.2.1 do PDR2020 – Gestão de Recursos Cinegéticos, que impossibilita um número considerável de zonas de caça de se candidatarem.

06

Retomar a autorização que possibilita a venda de licenças de caça a não residentes, por parte das OSC de nível 1, que, atualmente, se encontra suspensa.

07

Isentar as entidades gestoras de zonas de caça do pagamento da taxa anual de manutenção da concessão, por um período de 5 anos, dando-lhes, assim, uma almofada financeira, que lhes permita efetuar mais investimentos em ações de fomento cinegético.

08

Não atualizar o valor das licenças de caça para a época venatória 2023/2024, bem como as restantes taxas associadas à carta de caçador e exame para obtenção da carta de caçador.

09

Permitir a prática da caça nos espaços florestais definidos nos Planos Municipais de Defesa da Floresta contra Incêndios, quando ocorram situações de alerta.

10

Tornar obrigatória uma ação de formação, ministrada pelas OSC de nível 1, para dotar os candidatos à obtenção da carta de caçador de conhecimentos teórico-práticos.

11

Retomar a venda de livros de Autorizações Especiais de Caça, por parte das OSC de nível 1, e rever a Portaria n.º 148/2018 de 22 de maio, de modo a simplificar os procedimentos administrativos a que as zonas de caça municipais estão sujeitas.

12

Retomar o Projeto de Recuperação da Perdiz (PRP), a desenvolver enquanto uma das mais emblemáticas espécies cinegéticas do país e da Península Ibérica.

13

Dar continuidade do Projeto + Coelho, para desenvolver uma vacina eficaz contra a Doença Hemorrágica Viral e não com o intuito de determinar a causa de morte dos mesmos.

14

Criar Centros de Recuperação, Conhecimento e Introdução da Lebre nas cinco regiões cinegéticas de Portugal.

15

Definir medidas que permitam realizar jornadas de caça ao javali pelo processo de salto, em áreas classificadas previamente comunicadas e autorizadas, para minimizar os prejuízos na atividade agrícola.

16

Implementar o 'Memorando de Entendimento para a Conservação e Recuperação da Rola-comum', para que num futuro próximo se possa caçar à rola-comum.

17

Classificar a rola-turca como espécie cinegética, considerando os prejuízos causados em atividades económicas e o risco sanitário que representam para outras espécies.

18

Realizar ações de correção de densidade da pega-azul, ave que tem causado elevados prejuízos na agricultura, em particular nas culturas frutícolas.

19

Definir medidas de apoio e compensação para as entidades gestoras de zonas de caça, do esforço e da extração de efetivos a que são sujeitas e de outras preocupações que a presença do lince-ibérico acarreta, através do PEPAC ou de outra via.



XXV



Feira da Caça e Turismo

XXVII FESTA DOS CAÇADORES DO NORTE

26 a 29 de janeiro de 2023
MACEDO DE CAVALEIROS



MACEDO
DE CAVALEIROS
MUNICÍPIO

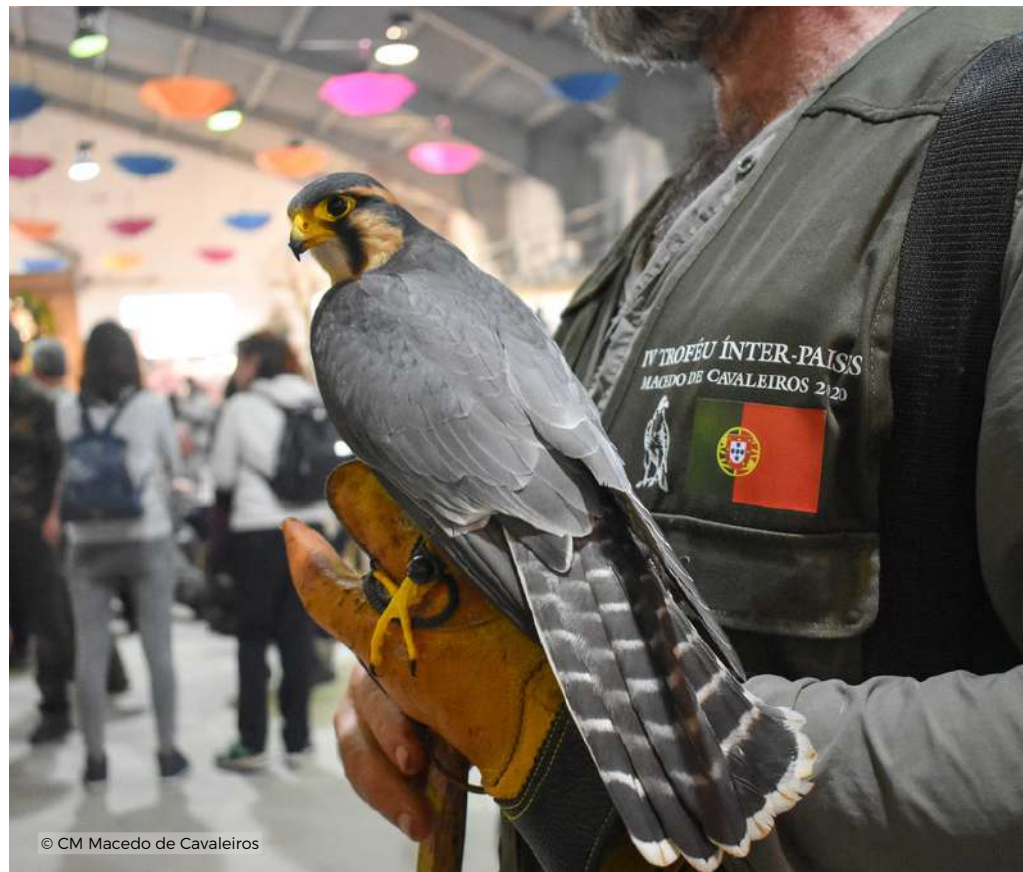


FEIRA DA CAÇA E TURISMO DE MACEDO DE CAVALEIROS REGRESSA EM JANEIRO

Inúmeros expositores com novidades do setor cinegético, falcoaria, provas de beleza de cães, corridas de lebres, as Provas de Santo Huberto e as já famosas montarias da Festa dos Caçadores do Norte são alguns dos atrativos da XXV Feira da Caça e Turismo de Macedo de Cavaleiros, que acontece de 26 a 29 de janeiro de 2023.

Neste regresso, após dois anos de interregno devido à pandemia, “as expectativas, diria que são ambiciosas, pois pretendemos manter o nível já muito alto deste evento, e, se possível, melhorar alguns aspetos”, disse à revista ALVA João Alves, presidente da Federação das Associações de Caçadores da 1.ª Região Cinegética, que organiza o certame em parceria com a autarquia local.

Rui Vilarinho, vice-presidente da edilidade, também está otimista: “estamos com perspetivas positivas em relação ao regresso da Feira da Caça e Turismo. É um certame temático icónico na região, que tem tido um crescimento sustentado. Somos visitados por cerca de 4 a 5 dezenas de milhar de pessoas, umas ligadas à caça e a tudo que o tema concerne, outras por curiosidade, desejo de conhecer e provar certas iguarias, pois penso que a gastronomia, aqui, tem um peso considerável”.



© CM Macedo de Cavaleiros

Novidades não faltam

O programa deste ano inclui várias novidades face às edições anteriores, nomeadamente: “música ao vivo, desfiles com roupa de caça, e, nas duas montarias de sábado (ver caixa da página seguinte), os participantes vão poder reviver os saudosos Serões Transmontanos que tanto nome deram a este evento, e que, com o tempo e com a vontade de incluir mais atividades, se foram perdendo. Haverá ainda outras novidades que não vamos agora revelar, apareçam, para delas usufruir que certamente não se vão arrepender”, convida João Alves.

Destaque ainda para o XVI Troféu Ibérico de Santo Huberto, parte integrante do evento.



© ACPCRC



PRIMEIROS MESES DE 2023 COM VÁRIAS MONTARIAS AO JAVALI

JANEIRO

14
Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo; Seixo da Beira, Oliveira do Hospital

15
Abaças, Vila Real

21
Tondela; Gavião; Monteiras, Castro Daire; Almacave, Lamego

22
Aldeia Nova, Trancoso

26
Esteval - Limãos, Macedo de Cavaleiros

28
Cabeça Boa; Lindoso; Cernache do Bom Jardim; Cabeça gorda - Talhas; Lugar do Couço - Bornes e Vale Benfeito, Macedo de Cavaleiros

29
Lugar do Escairo - Murçós, Macedo de Cavaleiros

FEVEREIRO

04
Paradinha Nova, Bragança; Granja de Silva, Miranda do Douro

11
Meles, Macedo de Cavaleiros

18
Monsanto, Idanha-a-Nova (montaria mista: javali e veado)



VILAR FORMOSO ACOLHE 14.^a EDIÇÃO DA FEIRA DE CAÇA, PESCA E DESENVOLVIMENTO RURAL

Vilar Formoso vai voltar a encher-se de animação já no início de fevereiro, com o regresso da Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural. O evento é organizado pelo Município de Almeida e inclui várias iniciativas ligadas a um território onde o setor da caça exerce um importante papel a nível sócio económico. A Federação de Caça e Pesca da Beira Interior, filiada na Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, vai marcar presença.



A Federação de Caça e Pesca da Beira Interior - FCPBI colabora na iniciativa e vai participar através de um stand, onde vai promover as suas atividades enquanto federação, bem como as atividades da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, na qual está filiada.

Para André Cid, presidente da FCPBI, a iniciativa "é importante para promover o setor, uma vez que conta com milhares de visitantes, atraindo também muitos espanhóis, devido à localização geográfica de Vilar Formoso".

O dirigente destaca a montaria "Nave de Haver", marcada para 4 de fevereiro, como um dos pontos altos do evento.

Fica a sugestão para um fim de semana bem-passado, com mais um grande evento onde o setor da caça estará em destaque.

Vilar Formoso é o principal ponto de entrada por via terrestre em Portugal. Por aqui passam mais de cinco milhões de pessoas por ano, através da rodovia e da ferrovia. Pela fronteira de Vilar Formoso passam a maioria das importações e exportações realizadas via terrestre, de e para o território português.

Parte integrante do concelho de Almeida, este território tem na caça uma importante atividade que mantém tradições, dinamiza a economia e desenvolve importante trabalho ambiental.

Na sua 14.^a edição, a Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural decorre entre os dias 3 e 5 de fevereiro e leva a cabo várias atividades de promoção do setor.

Estão prometidos três dias de muita animação.





3, 4 e 5 fev 2023



Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural

Um evento para toda a família!

Tasquinhas | Exposições | Maquinaria | Matilhas | Espetáculos Musicais

📍 Vilar Formoso - Pavilhão Multiusos

03 fev



Bárbara Bandeira

22H30



3 Loucos e 1 São
(que não veio) 21H00

DJS Morfal
00H00



04 fev



Os Quatro e Meia

22H30



B/GAMIA
21H00

05 fev



4 Mens

16H30

Cromos da Noite
00H00



Grupo de Sevilhanas
Taconeos da Raia
15H30



ALMEIDA
Estreito da Interior

VILAR FORMOSO
FRONTEIRA DA PAZ



MONTARIA DA CASA DE PESSOAL DA RTP DE 2023 REALIZA-SE EM PENAMACOR

A vila raiana de Penamacor foi a escolhida para a realização da Montaria da Casa de Pessoal da RTP. Já na sua 17.ª edição, o evento acontece anualmente num ponto diferente do país. O programa já é conhecido e as inscrições estão abertas. O Clube de Caça e Pesca de Penamacor, assim como a Federação de Caça e Pesca da Beira Interior, são parceiros ativos do evento.

INSCRIÇÕES 17ª
Tel.: 227 156 117 | cpessoal.porto@rtp.pt

MONTARIA
CASA DO PESSOAL DA RTP
4 FEV. 2023
PENAMACOR

08H00 - CONCENTRAÇÃO: PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO / **09H00** - MATA BICHO
10H30 - PARTIDA PARA A MANCHA / **15H00** - LANCHE, QUADRO DE CAÇA E LEILÃO
19H30 - JANTAR: PALACE HOTEL & SPA - TERMAS DE S. TIAGO

SORTEIO ESPINGARDA AUTUNO PRESTIGE CAL. 12

Penamacor, vila do distrito de Castelo Branco, vai receber a 17.ª Montaria da Casa do Pessoal da RTP, no dia 4 de fevereiro.

A iniciativa realiza-se anualmente em diferentes pontos do país. São territórios e paisagens diversas, mas a mesma paixão pela caça e pelo património cinegético.

Maria da Luz Moreira, presidente da Delegação do Porto da Casa de Pessoal da RTP, salienta a **"grande adesão e sucesso desta iniciativa que nos leva a diferentes territórios de Portugal, promovendo tradições e costumes, valorizando o território, dando a conhecer um país tão rico como fascinante"**.

A dirigente conta-nos a história deste evento que **"remonta a 2004, partindo de uma ideia do Núcleo de Caça da Casa de Pessoal da RTP, em colaboração com as autarquias e associações do setor"**. Maria da Luz Moreira destaca que **"além da montaria, os acompanhantes participam num passeio cultural onde se promove uma visita a locais de interesse cultural e histórico"**.

O programa arranca às 8h00 com concentração junto ao pavilhão desportivo e termina pelas 19h30, com um jantar no Palace Hotel & Spa - Termas de S. Tiago.

No evento, será sorteada uma espingarda Autuno Prestige/Cal. 12.

Esta montaria é organizada pela Casa do Pessoal da RTP, pelo Município de Penamacor, pela Junta de Freguesia de Penamacor, e pelo Clube de Caça e Pesca de Penamacor, filiado na Federação de Caça e Pesca da Beira Interior.





Macedo de Cavaleiros

FEDERAÇÃO DOS CLUBES DE CAÇA E PESCA DO DISTRITO DE VISEU PROMOVE PETIÇÃO

A Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu está a promover uma petição que visa promover uma alteração à Lei de Bases Gerais da Caça.

A Federação, filiada na Confederação Nacional de Caçadores Portugueses, reivindica a necessidade urgente de uma alteração ao artigo 53, essencialmente na alínea a) do ponto primeiro, que diz respeito à distância a conceder - dita de proteção.

Segundo a federação **"a distância de 500 metros concedida ultrapassa largamente o necessário, não somente objetivando o alcance útil das munições utilizadas, bem como o nível de som emitido pelas armas utilizadas. A prática nos países europeus com tradição da caça dificilmente atribuem distâncias de segurança superiores a 200 metros. A geografia do norte do país não permite que se visualizem os locais a 500 metros, pelo que facilmente qualquer caçador se encontrará em situação de ilegalidade."**

No texto da petição, é referido que "a instalação exaustiva de instalações industriais e de criação animal, cumprindo a margem de segurança de 500 metros, não permite que o ato venatório se pratique em partes significativas das zonas de caça, fazendo com que o número de caçadores continue a diminuir drasticamente, que o interior, já por si - debilitado nas fontes de receita, acabe por ver desaparecer uma das mais-valias que animavam economicamente tantos concelhos do interior de Portugal."

Por todas as razões realçadas, a federação requer que a faixa de segurança seja reduzida e reposta nos 250 metros.



© Cinegética

JÁ HÁ DATAS PARA A CINEGÉTICA 2023

Madrid volta a receber a CINEGÉTICA, entre os dias 23 e 26 de março.

A feira nasceu em 2013, juntando dois grandes eventos de caça que existiam em Espanha: Venatória e FICAAR. Ambos os certames fundiram-se para este se tornar o evento de caça de referência em Espanha e na Europa.

Em 2022, a CINEGÉTICA resultou num sucesso de público e organização, tendo reunido todo o mundo da natureza, caça e armas, e acolhido também cães, em todas as suas modalidades, abrindo pela primeira vez uma importante montra para todo o setor.

Na edição de 2022, o evento contou com a participação de mais de 270 expositores e 30 mil visitantes.

VILA FLOR ACOLHE 2.^a EDIÇÃO DO ENCONTRO CINEGÉTICO, CAÇA, PESCA E SABORES

O Município de Vila Flor, no distrito de Bragança, acolhe o II Encontro Cinegético, Caça, Pesca e Sabores de Vila Flor, entre os dias 17 a 19 de fevereiro.

O evento decorre no Pavilhão Municipal de Feiras e Exposições e conta com um programa rico e variado. Ao longo dos três dias, é possível visitar o espaço que reúne mostra de cães, prova de cães de caça, expositores, tasquinhas, produtos regionais, gastronomia, música, entre outras atividades.

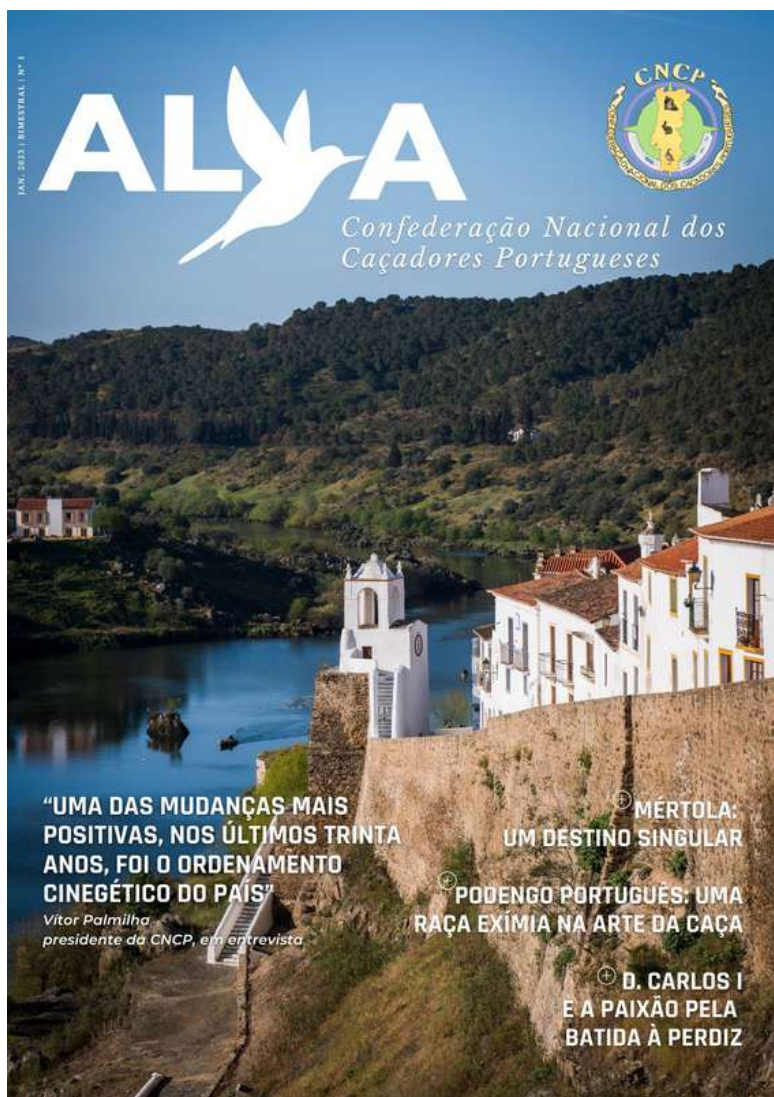
Entre as várias iniciativas previstas, destaque para as montarias ao javali, demonstração de cetraria, jornada de tordos, provas de pesca, concurso de cães coelheiros, entre outras.

O encontro conta com a colaboração do Clube de Caça e Pesca de Vila Flor.



UMA NOVA VOZ PARA O SETOR

A revista ALVA é uma publicação da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses que está à sua disposição para promover todas as atividades de relevo ligadas a este setor. Caso queira partilhar conteúdos connosco, faça-o pelos contactos abaixo indicados. Contamos com a sua colaboração!



VALORES E MISSÃO

Promover a caça enquanto atividade económica e social, realçando a sua importância no contexto nacional.

Divulgar as ações levadas a cabo pela Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, bem como de todas as federações que dela fazem parte.

Contribuir para a promoção de entidades associadas à caça e ao mundo rural.

Reunir e divulgar informação junto dos associados da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, respetivos parceiros, entidades oficiais e público em geral.

Mostrar os territórios nacionais onde a caça está presente, sublinhando o trabalho efetuado pelos caçadores na preservação das espécies e de todo o ecossistema.

Divulgar o trabalho efetuado por dirigentes dos mais variados quadrantes que possam estar associados ao setor da caça.

Constituir-se como um fórum de debate, promoção e reflexão de todo o setor.

Promover a história da caça e a sua presença no nosso quotidiano ao longo de gerações.

CONTACTOS

Malha - Comunicação

Caminho Quinta da Bolota, Edifício AHETA, 9
8200 - 314 Albufeira
alvarevista@malha.pt
968 339 215 | 966 945 504 | 961 891 140

CARACTERÍSTICAS

Periodicidade: Bimestral
Mais de 2000 envios por e-mail
Divulgação no Facebook e no Instagram

